



A CRIANÇA CRÍTICA: Etiologia e Metapsicologia do Super-eu Hostil

Victor Farah Brahim (IC) e Bartholomeu de Aguiar Vieira (Orientador)

Apoio: PIVIC Mackenzie

RESUMO

Nosso ponto de partida é o Super-eu hostil a que faz alusão Freud no seu Compêndio de Psicanálise, publicado após sua morte em 1940. Pacientes com essa estrutura superegógica tão severa sofrem de um sentimento de culpa inconsciente de tal magnitude que impede sua sensibilidade, deixando suas análises paralisadas. A questão central deste estudo é: O que torna um Super-eu tão hostil a ponto de configurar um caso grave, conforme descrito por Freud? Para responder a essa pergunta, realizamos uma Pesquisa Bibliográfica narrativa intencional em Psicanálise que utiliza recortes das obras de Freud e Ferenczi em interlocução com autores mais contemporâneos que dialogam com seus escritos sobre o tema. Para responder nossa pergunta de pesquisa, objetivamos investigar a gênese do Super-eu hostil, sistematizando o conhecimento acerca do Super-eu, sobretudo do Super-eu hostil em Freud, cotejando com contribuições de Ferenczi e dando centralidade ao conceito de sentimento de desamparo como um pivô da formação do Super-eu de forma geral e guardando proporcionalidade entre a severidade deste e a intensidade daquele. Encontramos na traumatologia ferencziana em diálogo com a metapsicologia freudiana insumos teóricos que apontam para a precocidade do trauma desmentido e a identificação com o agressor consequente como elementos desestruturantes do narcisismo infantil e, assim, geradores de um profundo sentimento de desamparo, ingredientes do que viria a ser o Super-eu hostil patológico e paralisante.

Palavras-chave: Super-eu hostil. Identificação com o agressor. Sentimento de desamparo.

ABSTRACT

Our starting point is the hostile superego to which Freud alludes in his Outline of Psychoanalysis, published posthumously in 1940. Patients with such a severe superego structure suffer from an unconscious feeling of guilt of such magnitude that it impedes their sensitivity, leaving their analyses paralyzed. The central question of this study is: What makes a superego so hostile as to constitute a severe case, as described by Freud? To answer this question, we conducted an intentional narrative bibliographic research in Psychoanalysis that uses excerpts from the works of Freud and Ferenczi in dialogue with more contemporary authors who engage with their writings on the subject. To answer our research question, we aim to investigate the genesis of the hostile superego, systematizing knowledge about the



superego, especially the hostile superego in Freud, comparing it with contributions from Ferenczi, and giving centrality to the concept of the feeling of helplessness as a pivot in the formation of the superego in general, maintaining proportionality between its severity and the intensity of that feeling. We find in Ferenczian traumatology, in dialogue with Freudian metapsychology, theoretical inputs that point to the precocity of disavowed trauma and the consequent identification with the aggressor as elements that disrupt infantile narcissism and thus generate a profound feeling of helplessness, ingredients of what would become the pathological and paralyzing hostile superego.

Keywords: Hostile superego. Identification with the aggressor. Feeling of helplessness.

1. INTRODUÇÃO

O conceito central deste trabalho, o Super-eu hostil, é trazido por Freud em 1938 no seu texto que seria publicado postumamente ainda incompleto um ano após a sua morte, em 1940, o *Compêndio de Psicanálise*. Os pacientes chamados difíceis foram personagens importantes na história da sua clínica, levando-o a buscar adequações em seus métodos mais de uma vez. O que Freud já havia constatado em *Eu e o Id* (1923/2011), seguiu presente em sua convicção até o final de sua vida: um sentimento de culpa moral e inconsciente como entrave em certos analisandos os impedia de progredir em seus tratamentos, acompanhando-os pelo ganho secundário de permanecer em sofrimento. Em suas próprias palavras: “Essa consciência de culpa também explica a cura ou melhora de neuroses graves que ocasionalmente observamos após desgraças reais; a questão é o indivíduo estar infeliz, não importando de que forma.” (FREUD, 1940/2011, p. 236)

Freud (1923/2011, p. 63) chega inclusive a hipotetizar que a hostilidade do Super-eu que gera o sentimento de culpa inconsciente “determine a gravidade de uma doença neurótica”. O autor diz, ainda, no mesmo texto, que reconhece um limite da técnica psicanalítica nesses casos, na ocasional impossibilidade de manejo clínico. Freud (1940/2011), mais tarde, vai descrever em sua técnica a necessidade de fortalecer o Eu contra as demandas do Super-eu no processo analítico. O analisando elevaria o analista à posição transitória de Super-eu de transferência, deste modo, permitindo-o criar uma identificação mais saudável que a anterior em teoria. Contudo, apenas o fortalecimento do Eu não poderia fazer frente à porção inconsciente do Super-eu, como veremos adiante.

Embora o texto de Freud *Recordar, repetir e elaborar* (1914/2011) tenha sinalizado a tendência a um tratamento mais paciente com o tempo de elaboração do analisando, logo após o icônico caso do Homem dos Lobos, um paciente notavelmente resistente ao método psicanalítico clássico, foi Ferenczi quem levou esse direcionamento, bem como o caráter empático de sua clínica, como pilares centrais de sua clínica, assim como fez central em seus trabalhos as análises até então paralisadas, aparentemente impossíveis.

Os pacientes cujas análises não progrediam têm, hoje, lugar de destaque na Psicanálise contemporânea e guardam notável similaridade com tipos como o falso self, as personalidades narcísicas, a falha básica, os borderline, as neuroses de caráter, os melancólicos, entre outros (VERZTMAN, 2002; PINHEIRO & VIANA, 2009). Para estes pacientes, existe a suposição de um trauma precoce, pré-edípico, e de que a magnitude desse trauma seja tal que provoque a desestruturação da formação narcísica infantil. Com relação

ao momento do trauma, Ferenczi lança mão de algumas metáforas para ilustrar o impacto dos traumas precoces no psiquismo dos indivíduos:

Num dos estágios precoces do desenvolvimento embrionário, uma simples picada de alfinete, um leve ferimento, pode impedir a formação de toda uma parte do corpo. Um outro exemplo: num quarto onde existe uma única vela, a mão colocada perto da fonte luminosa pode obscurecer a metade do quarto. O mesmo ocorre com a criança se, no começo de sua vida, lhe for infligido um dano, ainda que mínimo: isso pode projetar uma sombra sobre toda sua vida (FERENCZI, 1928/1992a, p. 9).

A técnica ferencziana da Neocatarse, que representa suas inovações clínicas para tratar pacientes com uma culpa inconsciente decorrente de um Super-eu extremamente hostil, propõe a dissolução dessa parte inconsciente do Super-eu por meio da revivência das experiências infantis (ROBERT et. al, 2014). O conceito de "infantil" mencionado no título deste trabalho é importante para nós devido à sua aparente improbabilidade na forma como se manifesta. O Super-eu, ao se incorporar de maneira excessivamente hostil no sujeito, acaba lançando uma sombra com características adultas, resultado de uma identificação precoce com o adulto. Os analisandos cujas análises permanecem paralisadas amiúde parecem ter interesse em cooperar em seus tratamentos e o fazem na esfera intelectual, deixando, contudo, o componente sensível de fora da equação, tornando essa cooperação inócua após certo ponto (FREUD, 1940).

Ferenczi (1932/1990) relata ter-se surpreendido ao encontrar “fantasias eróticas infantis irrealistas” onde supôs estar um adulto sexualmente maduro, ilustrando essa estranha dualidade do quadro em que aparência e realidade psíquica estão tão distantes. Ferenczi (1931/1992) observou inclusive que sua clínica com estes pacientes se aproximava em certos aspectos das técnicas empregadas por Melanie Klein e Anna Freud com crianças, o fazendo com adultos regredidos alternativamente.

Em *Elasticidade da Técnica*, Ferenczi (1928/1992b) introduziu em sua psicanálise conceitos como o Tato, a capacidade de “sentir com” (Einfühlung), capacidade empática por parte do analista. A empatia empregada no manejo clínico, permitiu a Ferenczi maior capacidade para lidar com a transferência negativa do analisando: “(...) uma pressão a esse respeito, se for desprovida de tato, fornecerá apenas ao paciente a oportunidade, ardentemente desejada pelo inconsciente, de subtrair-se à nossa influência.” (FERENCZI, 1928b/1992, p. 33). Ferenczi explica a elasticidade de sua técnica através da metáfora do João-teimoso, brinquedo capaz de levar bordoadas, sempre, contudo, mantendo tração para o seu centro. O centro aqui, seria o conhecimento e técnica do analista que resistiria aos ataques do paciente, oriundos da transferência negativa.



Em *Princípio de Relaxamento e Neocatarse*, Ferenczi (1930/1992) descreve a conduta do analista para com o analisando dotada de uma “atitude amistosa e benevolente” (Freundlich Wohlwollende). Na Neocatarse de Ferenczi, objetiva-se a criação de campo para que o analisando possa gozar da “liberdade infantilmente irresponsável” pela primeira vez. O autor propõe que a semelhança com a situação infantil incita à repetição, mas que a sua diferença favorece a rememoração, uma segunda chance para experimentar, assim, o infantil.

Uma nuance importante da técnica reside em que a atitude amistosa e benevolente é endereçada à parte infantil e que carece de ternura no analisando. A parte desenvolvida e adulta no paciente deve ser endereçada como tal, de forma adulta (FREITAS, 2023). Essa particularidade nos traz um vislumbre sobre o alcance e a razão de ser da técnica: encontra-se o que carece de ternura porque é infantil e é infantil porque teve seu desenvolvimento inibido.

A via de tratamento através do infantil escolhida por Ferenczi e tão difundida atualmente na análise deste tipo de paciente joga luz à estrutura superegóica demasiadamente hostil como algo paralisado no tempo, fruto de uma mente infantil. Nossas inquietações para este trabalho dizem respeito à etiologia deste Super-eu tão hostil a ponto de tornar-se patológico e paralisante. Não há aqui a intenção de que “Super-eu hostil” seja um termo fechado, até porque o texto do próprio Freud (1940/2011) no mesmo trecho em que aponta a estrutura como hostil, também se refere a este Super-eu patológico como “particularmente severo e cruel”. Não se trata da inauguração de uma modalidade nova de Super-eu, senão a investigação do que torna um Super-eu tão hostil a ponto de poder ser considerado patológico.

Para que possamos elucidar essa questão, optamos por, como objetivo, investigar a gênese do Super-eu hostil e o seu desenvolvimento no psiquismo, para então sistematizar o conhecimento acerca do Super-eu, sobretudo do Super-eu hostil em Freud, cotejando com contribuições de Ferenczi e relacionar a angústia proveniente do estado de desamparo (Hilflosigkeit) com a formação dessas estruturas. Desdobrou-se daí que o conceito de estado de desamparo mostrou-se nevrálgico na teoria de ambos os autores para a melhor explicação da formação superegóica e sua severidade.

A traumatologia em três tempos de Ferenczi, emprestando a interpretação de Molin (2016), mostrou-se um bom modelo para investigar a genealogia do Super-eu hostil dos pacientes difíceis com análises paralisadas, mas a teoria freudiana pareceu-nos particularmente esclarecedora em delinear o desenvolvimento saudável do Super-eu, bem como nos forneceu insumo teórico para entender seu poder, intensidade e função dentro da dinâmica psíquica dos indivíduos. No capítulo seguinte, assim, nos ocuparemos da etiologia

do Super-eu e seu lugar na metapsicologia psicanalítica antes de nos debruçar sobre o Super-eu hostil das análises paralisadas, desenhando, ali então, a metáfora da criança crítica, que precisa ser crítica e mantém-se anacronicamente criança dentro do adulto.

2. A FORMAÇÃO DO SUPER-EU

Antes de que possamos falar sobre o Super-eu que é hostil a ponto de clivar o Eu de um indivíduo, é preciso refletir sobre a origem de todo Super-eu. Por que surge e a que serve essa estrutura? Existe razão para que criemos em nossa psique, ainda crianças, algo que é severo conosco e nos inflige sofrimento? Em um espaço de tempo na história da criança, ela reitera a escolha de sentir o peso de tornar-se severa consigo em troca de não se sentir desamparada.

Em seu texto *O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios*, Ferenczi (1913/1992) traça um percurso gradual do princípio do prazer ao princípio de realidade no desenvolvimento infantil, sendo justamente essa gradualidade e as etapas do desenvolvimento de um órgão de realidade as maiores novidades que introduz em diálogo com os conceitos freudianos (VIEIRA, 2023). Ferenczi vê nesse percurso um horizonte desanimador para o bebê que viveu a ilusão da onipotência intrauterina em que tudo tinha quando precisava e que após o nascimento precisa lidar com a realidade do desamparo e da angústia proveniente deste sentimento de desamparo (Hilflosigkeit). “O longo desamparo e dependência infantil do ser humano” são elencados por Freud (1923/2011, p. 43) como fatores que, junto com o que caracteriza o complexo de Édipo, explicam a criação da Super-eu e não à toa: a necessidade constante de amparo infantil coloca, para a criança, na figura de seus cuidadores um poder colossal, a diferença entre existir ou não.

A criança decide internalizar a severidade de seus cuidadores, ou melhor, o que imagina ser a severidade de seus cuidadores como forma de se adequar ao seu desejo. Aos poucos, surge na psique uma instância cuja função é antecipar pressões dos cuidadores para assim garantir à criança acesso ao seu amor e amparo. A qualidade dessa adaptação à realidade é um parâmetro posto por Ferenczi (1913/1992) como fundamental para a formação saudável do psiquismo infantil, sobretudo na diferenciação entre Id e Eu, sendo o Eu uma parcela diferenciada do Id que lida com as demandas externas da realidade (FREUD, 1923/2011) e o Super-eu uma parcela especializada do Eu que internaliza o recorte dessa realidade que delineia os cuidadores.

Por qualidade de adaptação, entende-se que o cuidado recebido pela criança deve dar a ela alguma ilusão de onipotência, ainda que não total, tal qual a de que gozava dentro do útero materno, tornando a adaptação à realidade gradual. Quando o caminho entre a ilusão de onipotência e a percepção de impotência é curto demais, o resultado é um intenso

sentimento de desamparo e a consequente intensificação da busca por cuidado. Sendo a severidade internalizada a moeda de troca pela eliminação desse sentimento de desamparo, a qualidade desse cuidado é de fundamental influência na dimensão da estrutura superegóica.

O sentimento de desamparo na criança, causado no seu choque com a realidade, está na gênese do próprio Eu. A necessidade de fazer frente às demandas externas é a razão da criação dessa estrutura e essa necessidade é sentida como angústia pela criança. Sobre essa angústia residente no Eu, reportamo-nos a Freud (1923/2011, p. 72): “Não podemos especificar o que o Eu teme nos perigos externos e no perigo da libido do Id; sabemos que é a dominação ou a destruição, mas analiticamente não se deixa apreender.”

O Eu teme o que para si é o indizível. Não se pode dizer que é medo da morte per se já que a mente infantil não possui em seu vocabulário este conceito. Façamos então o raciocínio inverso na busca pela melhor definição da angústia do Eu. Para Freud (1923/2011, p. 73), o viver para o Eu “...significa o mesmo que ser amado, ser amado pelo Super-eu, que também aí surge como representante do Id.” O Super-eu representa o Id duplamente já que recebe deste a libido investida na figura internalizada dos cuidadores e pela sua própria função de ser, adaptada a garantir o princípio do prazer. Pode-se dizer que a angústia do Eu, vivida como sentimento de desamparo para a criança, é o medo do desamor que é interno na não satisfação do Super-eu, mas originalmente externo na figura dos cuidadores.

Ser amado é não somente a forma como o Eu vive, senão também o modo como cresce e se fortalece e para que possamos entender as dinâmicas entre Id, Eu e Super-eu, é preciso que nos atenhamos aos fluxos de libido que movimentam essas relações:

Um importante desenvolvimento haveria de ser feito agora na teoria do narcisismo. Bem no início, toda a libido se acha acumulada no Id, enquanto o Eu ainda está em formação ou é fraco. O Id envia parte dessa libido para investimentos objetivos eróticos, e com isso o Eu fortalecido procura apoderar-se dessa libido objetual e impor-se ao Id como objeto de amor. O narcisismo do Eu é então um narcisismo secundário, subtraído aos objetos. (FREUD, 1923/2011, p. 58)

Assim, é se apresentando como objeto de amor para o Id que o Eu se apodera de sua libido. Deste modo, mais que depósito da libido, o Eu é também objeto de investimento. O Super-eu é o melhor exemplo dessa dinâmica, sendo uma parte do Eu que se diferencia e ganha massivos investimentos libidinais do Id. O Eu, então, preocupa-se em ser amado pelo Id, pelo Super-eu e em lidar com as descargas externas do sistema perceptual.

Uma nuance interessante sobre a relação entre as instâncias da segunda tópica freudiana é a noção de que, embora tenha se originado do Eu, o Super-eu está mais distante da realidade, seu contato com esta se dá através do seu contato com o próprio Eu. Contudo, há que se considerar que o próprio Eu guarda em si uma parcela inconsciente, bem como

guarda o Super-eu. Freud (1933/2011) teoriza que parte do Super-eu seja necessariamente inconsciente pela sua proximidade ao Id, já que é das pulsões do Id que se alimenta. Essa parcela inconsciente do Super-eu submete o Eu silenciosamente e recebe dele pouca influência, contribuindo para a estagnação dessa estrutura ao longo do tempo, mesmo se em contrariedade com os dados da realidade. Sendo formado pelo resultado do complexo de Édipo positivo e negativo (FREUD, 1923/2011), e tendo em si uma porção consciente e outra inconsciente, pode-se supor que a estrutura a que chamamos de Super-eu é a manifestação de um mosaico de identificações parentais, assim como é o Eu outro conjunto complexo de identificações. É possível depreender que como as pulsões do Id que convivem inconscientemente lado a lado, mesmo quando manifestamente contraditórias (FREUD, 1933/2011), as identificações inconscientes tanto no Super-eu quanto no Eu possam também gozar da existência à mercê de sua própria contrariedade. Sobre as identificações no Eu fragmentado:

Se estas predominam, tornam-se muito numerosas e fortes, incompatibilizando-se umas com as outras, um desfecho patológico é provável. Pode-se chegar a uma fragmentação do Eu, quando várias identificações se excluem umas às outras mediante resistências. (FREUD, 1923/2011, p. 38)

É necessário para a nossa construção teórica que delimitemos o conceito de identificação. É através dele que o Eu, transformando investimentos objetivos em investimentos narcísicos, recebe a libido do Id e é através dele que dá origem ao Super-eu:

Quando alguém perdeu ou teve que abandonar um objeto, com frequência compensa isso identificando-se com ele, instaurando-o novamente dentro do seu Eu, de modo que a escolha de objeto como que regride à identificação nesse caso. (FREUD, 1933/2011, p. 201)

O Eu manifesta em si traços do objeto amado e mostra ao Id que pode ele próprio ser amado (FREUD, 1923/2011). O Super-eu, assim, é um “caso bem-sucedido de identificação com a instância parental” (FREUD, 1933/2011, p. 201). Com a superação do complexo de Édipo, a criança se vê obrigada a abrir mão dos seus intensos investimentos nos seus objetos primordiais de amor, seus cuidadores, resultando no grande incremento e significância dessa identificação.

Algo especial nessa identificação que caracteriza a natureza da estrutura superegógica é a sua parcialidade enquanto objeto internalizado. Freud (1933/2011) constatou a tendência dos pais em identificarem-se com seus próprios Super-eus da educação das crianças em virtude do esquecimento do que passaram eles mesmos em suas infâncias, aumentando o contato com este aspecto severo de suas personalidades. Ele discorre, contudo, que mesmo nas crianças que tiveram aparentemente pouca severidade na sua criação, o seu Super-eu acaba por ser um recorte incompleto, o Super-eu teria feito uma “escolha parcial” pela

severidade nessa identificação e por vezes essa severidade torna-se inflacionada no psiquismo infantil. Faz sentido que a criança que se sente desamparada dê mais importância a se adequar para ser amada pelos cuidadores e para tal, precise dar destaque à severidade dessa identificação. Assim, a intensidade do sentimento de desamparo na criança pode guardar relação com a intensidade da severidade superegógica. Quanto mais a criança percebe o cuidado como faltante ou inadequado, mais se sente ameaçada, mais se dá conta da necessidade de ser amada e consequentemente bem amparada.

Não existe aqui a intenção de pressupor que a criança imagine o desamparo, nem sinta angústia de uma situação que não guarde paralelo com o ambiente que a circunda, mas simplesmente a observação de que há mais de uma forma pela qual uma criança possa se sentir mal cuidada, seja através da negligência parental, da indisponibilidade afetiva de um dos cuidadores ou de eventos traumáticos que não necessariamente apontem na direção de uma criação particularmente severa, embora seja este o efeito na identificação parental, ou seja no Super-eu.

Sobre a intensidade com que o Super-eu atua na psique do indivíduo, a submissão que impõe é possível apenas pela desusão instintual (FREUD, 1924/2011) que auxilia o entendimento da severidade superegógica, pela reversão do instinto de destrutividade, direcionada agora ao próprio sujeito (FREUD, 1930/2011). Indo além, o lugar privilegiado do Super-eu no seu psiquismo pode ser explicado por dois fatores, quais sejam, a sua formação tomar lugar em um momento em que o Eu ainda é fraco e o título de herdeiro do complexo de Édipo introduzindo no Eu “os mais imponentes objetos” (FREUD, 1923/2011, p. 60).

Quando nos voltamos ao sentimento de desamparo proveniente da quebra da ilusão de onipotência intrauterina para explicar a motivação da estrutura que vem a ser o Super-eu e o fazemos amparados na teoria freudiana, faz-se necessário que respondamos uma pergunta: por que nos remetemos ao que é pré-edípico se seria o complexo de Édipo o divisor de águas que inauguraria essa estrutura na mente infantil? Freud (1933/2011) ao remeter-se ao medo da perda do amor dos cuidadores antes do complexo de Édipo, fala na “ansiedade realística”. A culpa resultante do embate do Super-eu propriamente dito com o Eu geraria o que chamou de “ansiedade moral”.

Quando há a substituição do investimento de objeto pela identificação, isso é feito de forma mais definitiva e com maior investimento consequente, segundo a teoria freudiana. A estrutura resultante é mais robusta e agora sim passa a ser chamada de Super-eu por Freud. Em ambas as ansiedades, pré e pós Édipo, contudo, existe o medo de não ser amado a que o Eu teme e isso é uma constante, ainda que em um primeiro momento seja relacionado aos cuidadores mais como objeto e, mais tarde, como identificação:

De modo que para o Eu viver significa o mesmo que ser amado, ser amado pelo Super-eu, que também aí surge como representante do Id. O Super-eu desempenha a mesma função protetora que tinha antes o pai, depois a Providência ou o Destino. (FREUD, 1923/2011, p. 73)

Mesmo que a identificação parental ainda não tenha dentre seus ingredientes a ameaça de castração do complexo de Édipo que inviabiliza o investimento de objeto, liberando essa libido sexual para a sublimação enquanto libido narcísica, a teoria freudiana aponta para um caminho de construção do Super-eu ao longo de toda a infância. Isso será corroborado pela traumatologia ferencziana a que nos remeteremos no próximo capítulo com o intuito de jogar luz sobre o Super-eu hostil que gera um sentimento de culpa inconsciente tamanho que é capaz de não somente desestruturar a formação do narcisismo infantil, como mantê-lo desestruturado durante a vida adulta.

3. O SUPER-EU HOSTIL E A IDENTIFICAÇÃO COM O AGRESSOR DE FERENCZI

Neste tópico, trataremos do Super-eu a que faz alusão Freud no *Compêndio de Psicanálise* (1940). Sua hostilidade é de tal magnitude que submete o indivíduo a um sentimento de culpa inconsciente. Como resultado, apresenta-se um paciente cuja análise tem seu curso interditado não necessariamente de forma manifesta, óbvia, mas de maneira controversa. Ao passo que o paciente pode parecer esforçar-se em progredir no seu tratamento e o consiga até certo ponto, o trabalho progride na esfera intelectual, mas não consegue alcançar o que é sensível no analisando e, para ilustrá-lo, criamos a metáfora da “criança crítica”. Nesta metáfora, o paciente que senta diante do analista sem acesso à sua própria sensibilidade é como uma criança que precisou ser adulta antes do tempo: é demasiadamente crítica consigo na sua caricatura arcaica da severidade paterna e ao mesmo tempo não se permite gozar da ternura e sensibilidade naturais a uma criança. Tal qual uma criança disfarçada de adulto, fracassa em desempenhar com fluência ambos os papéis.

Estivesse essa “criança crítica” consciente sobre a sua escolha em usar tão pesadas vestes, o trabalho analítico consistiria simplesmente da investigação dessa conduta, contudo, o paciente que não tem acesso ao que é sensível em si não tem também conhecimento sobre a opção que fez em tenra idade. O inconsciente, assim, é um elemento central na compreensão da estrutura superegóica hostil e patológica. Assim como ideias inconscientes têm capacidade de influenciar o psiquismo do indivíduo que as recalca, impondo sobre elas resistência, o mesmo acontece com sentimentos inconscientes, “tornam-se conscientes apenas ao atingir o sistema Pcp; se o caminho é barrado, não se produzem sensações, embora o outro que a elas corresponde no curso da excitação seja o mesmo” (FREUD, 1923/2011, p. 27). O sentimento de culpa gerado por esse Super-eu hostil não é consciente e, assim, não é sentido como tal pelo seu portador. Mesmo não se produzindo as sensações

que poderiam apontar mais facilmente para a realidade emocional do indivíduo, o coage a castigar-se perpetuamente. A proposta freudiana de fortalecer o Eu frente às demandas do Super-eu, assenhoreando concomitantemente novas partes do Id ao Eu (FREUD, 1940/2011), embora seja passo importante na análise desses pacientes, não pode defender o indivíduo dos ataques provenientes dessa parcela inconsciente do Super-eu.

Ferenczi percebeu, em seus pacientes cujas análises não progrediam dentro do método tradicional, um padrão: existia a suposição de um trauma precoce, anterior ao complexo de Édipo de tamanha violência que é capaz de desestruturar o narcisismo do infante, ainda em formação. Essa falta de estruturação em um período tão precoce da vida é levada por esses pacientes até a idade adulta em seu psiquismo. A partir deste padrão, Ferenczi (1931/1992, 1933/1992) desenvolveu sua traumatologia em três tempos distintos: o trauma, o desmentido e a identificação com o agressor, novamente nos remetendo à interpretação de Molin (2016).

Neste trabalho, escolhemos interpretar o primeiro tempo, o trauma, de forma mais abrangente do que sugere a obra de Ferenczi:

A fórmula de Ferenczi é mais abrangente do que parece à primeira vista. Podemos retirar toda a cena de violência sexual do seu enunciado, própria ao imaginário de sua época, e ainda assim mantemos seus constituintes. Não é necessário supormos uma criança abusada sexualmente para termos acesso às dificuldades que o ambiente lhe proporcionará (VERZTMAN, 2002, p.69).

Para a nossa construção teórica, é de maior importância do que as especificidades que caracterizam o trauma objetivamente, a confusão de línguas a que o evento traumático submete a relação entre a criança e o seu agressor e para tanto se faz necessário debruçar-nos sobre os conceitos ferenczianos de linguagem da ternura e linguagem da paixão. A linguagem da ternura é a forma pela qual as crianças vivem e se comunicam no mundo pré-edipicamente, "...ela está numa época anterior ao conflito edipiano, na época em que a criança tem o direito de fazer e pensar tudo sem ser punida" (FERENCZI, 1928/1992a, p. 10). Entende-se que a criança, nesta fase, idealmente ainda goza de parcela da ilusão de onipotência se recebido o cuidado adequado. A linguagem da paixão seria referente ao existir do mundo dos adultos, posterior ao conflito edípico e com todas as proibições morais vindouras com a consolidação do Super-eu. Na traumatologia ferencziana, o evento traumático força a lógica da linguagem da paixão ao infante antes que esteja maduro para tal. Sem capacidade para compreender a nova lógica, a criança que passa pelo evento traumático em que o agressor é uma figura de cuidado, sente-se, por si só, como podemos imaginar, bastante desamparada.

No segundo tempo do trauma, a criança busca em outra figura de cuidado os insumos para que possa ser acolhida e fazer sentido do evento traumático e da confusão de línguas a que foi submetida. Acolhimento e construção de sentido são os dois conceitos chave deste raciocínio e é justamente a falta destes pilares o que dá ao trauma caráter desestruturante para Ferenczi:

O socorro que oferece o regaço materno e o amplexo de braços sólidos permite um relaxamento completo, mesmo depois de um trauma arrasador, de tal sorte que as forças próprias da pessoa abalada, não perturbadas por tarefas exteriores de precaução ou de defesa, podem ser consagradas, sem se dispersar, à tarefa interior de reparação das perturbações funcionais causadas pela penetração inesperada (FERENCZI, 1932/1990, p. 104).

Na citação, Ferenczi descreve o evento traumático perpetrado pela figura paterna e acolhido pela figura materna. Contudo, no segundo tempo do trauma, o que a criança encontra, na busca por acolhimento, é o descrédito. Após o tempo do trauma, há o tempo do desmentido (FERENCZI, 1931/1992). O desmentido ocorre quando a segunda figura de cuidado nega o evento traumático, desacreditando o relato da criança. O evento sem o desmentido, por si só, já seria traumático, contudo, o descrédito no momento de desamparo, acentua ainda mais esse sentimento e põe em xeque a própria capacidade da criança de se perceber, relacionar e sentir: "quando o desmentido atinge uma área onde a afirmação de si seja prioritária, neste caso a verdade das próprias sensações, o que é desmentido é o próprio sujeito" (VERZTMAN, 2002, p. 69).

A criança se vê, assim, sem opções para lidar e significar aquele acontecimento, entrando no terceiro tempo do trauma, a identificação com o agressor. Ora, se a criança não pode contar com o agressor, nem com outra figura de cuidado e nem mesmo pode confiar nas próprias percepções de si e da realidade, se vê forçada a tomar uma medida desesperada: ser perpetuamente vigilante e submissa ao agressor, para assim não incorrer em "investimentos de objeto que arrisquem a reativação do transbordamento das quantidades" (MELLO & HERZOG, 2009, p.72).

Construímos o conceito de Super-eu no capítulo anterior como órgão responsável por adequar-se preventivamente à vontade dos cuidadores, como forma de garantir o recebimento de amor e cuidados. Aqui a situação é a mesma, porém ocorre de forma extrema. O trauma desmentido impõe à criança traumatizada um sentimento de desamparo tão grande que a força, pré-edipicamente, a criar uma identificação mais robusta e severa com o cuidador que a agrediu. Sem maturidade para fazê-lo de forma gradual e saudável, a criança implanta em si a identificação com o seu agressor de forma artificial, pouco elaborada e inconsciente, tornando este objeto estranho e persecutório parte integrante do mosaico de identificações que virá a ser o seu Super-eu:



No entanto, o objeto incorporado mantém-se, efetivamente, como um corpo estranho, uma modalidade de superego tirânico não integrado, uma verdadeira “sombra” à qual o sujeito se submete à moda masoquista. Como escreve Ferenczi (1932/1990) em seu Diário clínico, o masoquismo implica sempre a busca de uma dor que tem a função de abrandar uma dor maior. (KUPERMANN, 2019, p. 188)

Se ao tempo da resolução do complexo de Édipo, a criança já tem pouco insumo e capacidades e interpretar o mundo à sua volta para que possa criar identificações realistas com seus cuidadores, em momento mais precoce e motivada por um intenso processo traumático é de se esperar que a identificação introjetada seja um objeto tão aterrorizante quando o desamparo sentido. Este núcleo superegóico hostil e precoce é de fato tão inaceitavelmente cruel que permanece inconsciente, assim como se torna inconsciente o intenso sentimento de desamparo que motivou sua criação através da clivagem narcísica. Para sobreviver, o Eu infantil se divide em dois após a internalização do objeto persecutório:

A pessoa divide-se num ser psíquico de puro saber que observa os eventos a partir de fora, e num corpo totalmente insensível. Na medida em que o ser psíquico ainda é acessível aos sentimentos, incide todo o seu interesse no único sentimento que subsiste de todo o processo: isto é, o que o agressor sente (FERENCZI, 1932/1990, p. 142).

A criança cliva o seu Eu se dividindo em sua parte sensível e despedaçada e em uma nova parte capaz de lidar com a situação traumática, mas incapaz de sentir (FERENCZI, 1932/1990). Como quem não pôde contar com a ajuda externa, para que possa preservar minimamente o seu narcisismo, se divide em uma parte que precisa de ajuda e uma capaz de ajudá-la, ainda que artificialmente. Essa nova entidade, comparada por Ferenczi a um anjo de guarda, “tudo sabe e nada sente”. Por este motivo que as análises paralisadas com pacientes portadores desse tipo de trauma progridem apenas no nível intelectual, mas não no nível afetivo. A parte clivada que porta traços adultos e faz a função de proteção que deveria ter sido feita oportunamente por um adulto real é o que se consegue endereçar por meio da técnica psicanalítica clássica. A parte sensível e desamparada torna-se inconsciente e permanece cristalizada no tempo. A atividade do analista, para Ferenczi (1932/1990), nestes casos, é justamente ressuscitar aquele “pedaço morto da alma”.

A necessidade de alcançar a criança desamparada e perdida no tempo, bem como o Super-eu tirânico imaginado um dia por uma mente infantil em desespero justificam a necessidade de um manejo clínico diferente. A criança que foi tolhida da sua infância segue dentro do adulto apartada da realidade, tanto na representação superegóica hostil, quanto no eu sensível clivado. Tanto o sentimento de desamparo que deu origem a necessidade da identificação precoce quanto esta última sobrevivem no psiquismo inconscientes como um par que se retroalimenta. Ainda que inconsciente, o sentimento de desamparo é intenso e segue demandando a solução cruel na identificação com o agressor. Por serem

representações inconscientes permanecem intactas ao longo do tempo, imunes à realidade, perpassando as identificações e sentimentos conscientes. Deste modo, e retomando o que foi dito anteriormente, não basta que se fortaleça o Eu simplesmente. O Eu não pode fazer frente a um inimigo invisível. A inconsciência das estruturas resultantes da clivagem tão precocemente, diferente do conteúdo reprimido através do recalque, não tem representações simbolizadas. A identificação, quando bem elaborada, ocorrendo de forma saudável, “é um mecanismo linguístico que produz linguagem” (VERZTMAN, 2002). O trauma, ao passar pelo desmentido, descredibiliza a criança traumatizada, impedindo com que ela consiga internalizar o acontecido de forma simbólica.

A revivência do infantil em análise que a Neocatarse propõe é um campo não apenas para a reforma de um edifício em más condições, mas campo para que se possa continuar uma construção abandonada, esquecida. A “catarse” da Neocatarse ocorre quando as duas partes clivadas do Eu se encontram novamente e os rastros dos traumas que não foram inscritos enquanto linguagem são revividos como “símbolos mnêmicos corporais” (FERENCZI, 1930/1992, p. 62), semelhantes aos dos pacientes histéricos, mas desprovidos da carga simbólica própria destes. A análise, assim, objetiva tornar-se um caminho seguro o bastante para que a parte clivada que passou a vida inteira protegendo abra caminho para que a parte que passou a vida inteira sendo protegida possa se manifestar depois de tanto tempo. O analista fala com essa parcela do analisando utilizando a linguagem da ternura e por isso suporta os ataques transferenciais do analisando com a recepção que apenas um adulto acolhedor e empático poderia fazer por uma criança. Endereça assim algo no paciente que é atemporalmente e estranhamente pré-edípico, como se tivesse em seu passado essa lacuna incontornável que significa não ter aprendido a ser criança a seu tempo, tendo que tornar-se adulto rápido demais.

Remetendo-nos à clínica psicanalítica contemporânea, recorremos ao estudo de caso de Koritar (2016) como exemplo da aplicação da clínica ferencziana nos dias atuais. No relato clínico, o autor, como analista, foi fortemente rechaçado quando da aplicação do método psicanalítico mais tradicional, relatando que suas interpretações eram inclusive recebidas pela paciente como ataques pessoais. Obrigado a encontrar outro método, conseguiu através de anos de um tratamento empático com manejo elástico da transferência negativa que sua paciente pudesse reconstituir seu psiquismo a ponto de estar pronta para, então, poder se beneficiar da psicanálise clássica. O autor permitiu à paciente que gozasse da impunidade infantil, com todos os respectivos desafios, e assim, retornamos a Ferenczi (1928/1992b, p. 35): “Se não só nos protegermos, mas, em todas as ocasiões, encorajarmos também o paciente, já bastante tímido, colheremos mais cedo ou mais tarde a recompensa bem merecida de nossa paciência, sob a forma de uma nascente transferência positiva”.

Autoras como Minerbo (2015) e Rudge (2006) dialogam com a traumatologia ferencziana de forma mais abrangente, descentralizando o trauma como evento único desestruturante. Tanto o trauma quanto o desmentido poderiam estar espaçados no tempo, dando nova nuance à teoria e abrindo possibilidades inclusive na gradualidade da formação superegóica hostil.

Rudge (2006) traz luz à ideia de que a criança que não se sente bem-vinda pelos seus cuidadores, internaliza seu desejo na forma de um Super-eu hostil. Este Super-eu hostil traria ênfase na pulsão de morte posteriormente na vida adulta do indivíduo. Assim como não se sentiu bem-vindo por seus cuidadores, não se sente também bem-vindo pela parte do seu Eu que se modificou com a introjeção da impressão desses cuidadores. Neste raciocínio, a criança que não se sente amada pelos cuidadores internaliza cuidadores que não a querem. Ao invés de se antecipar à vontade dos cuidadores para poder ser amada, entende que a vontade dos cuidadores é a de que não exista, subvertendo o propósito do Super-eu.

Minerbo (2015) segue linha semelhante de raciocínio em que a criança se sente atacada na sua própria existência e não no seu comportamento ou modo de ser. O cuidador defende seu narcisismo atacando o narcisismo da criança reiteradas vezes. O abuso de poder e as múltiplas pequenas violências que são desmentidas em sequência vão sendo recebidas pela criança que é forçada a recorrer à identificação com o agressor e à clivagem narcísica. O intenso sentimento de desamparo, assim, para ambas as autoras, pode também ser produzido ao longo do tempo.

É impossível precisar a magnitude necessária para que um trauma precoce possa gerar a necessidade para a criança de identificar-se com o seu agressor e em seguida clivar seu Eu, mas é possível identificar alguns fatores como necessários à concepção do Super-eu hostil das análises paralisadas. Este Super-eu hostil é uma identificação parental fabricada prematuramente e sem a elaboração necessária, feita como um ato de desespero. A confusão de línguas, o trauma anterior à resolução do Édipo e o desmentido que desestrutura o narcisismo infantil apresentam-se na teoria ferencziana como ingredientes da receita para um profundo sentimento de desamparo, este relacionado com a criação a intensidade do Super-eu tanto em Freud quanto em Ferenczi.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A célebre metáfora do fruto bichado foi utilizada por Ferenczi (1933/1992) para descrever o indivíduo traumatizado e com ela seguimos para o fechamento deste artigo. Quando bicado por um pássaro antes do tempo, o fruto ferido amadurece rápido demais por fora, mas apodrece por dentro. A bicada representa, assim, o trauma e a maturação apressada, porém artificial representa a clivagem do Eu. A parte sensível resta interna e

destruída, tal qual o interior do fruto e a parte que amadurece rápido demais representa a estrutura que faz as vezes de adulto, desconectada da sensibilidade, como uma máscara.

Os pacientes que encontraram limite na clínica freudiana, permanecendo estagnados, donos de um Super-eu hostil e de um sentimento de culpa cruel e inconsciente foram, por assim dizer, frutos bichados. O trabalho intelectual que faz avançar a análise até certo ponto é levado a cabo pela parte de fora do fruto, aparentemente madura. O componente sensível faltante à análise, paralisante, é o interior destruído. O trauma prematuro, por fim, é a bicada no fruto ainda verde demais.

Através de uma Pesquisa Bibliográfica narrativa intencional em Psicanálise, nos apoiando na traumatologia ferencziana e em autores mais contemporâneos que dialogam com sua obra, foi possível encontrar um caminho teórico que explicou a gênese do Super-eu hostil, objetivo geral deste trabalho: no trauma pré-edípico e desmentido que obriga o infante a identificar-se às pressas com o seu agressor e clivar seu Eu. Essa identificação com o agressor se torna o núcleo inconsciente do Super-eu hostil.

O recorte da obra freudiana em cotejamento com o recorte da obra ferencziana para a sistematização da metapsicologia do Super-eu, primeiro objetivo específico, nos deu base para que pudéssemos entender como a estrutura superegóica surge e se intensifica em sua severidade, nos dando compreensão teórica aprofundada para que pudéssemos desvelar a estrutura superegóica hostil e patológica. Este caminho naturalmente nos levou a relacionar a angústia proveniente do estado de desamparo com a criação da identificação parental, nosso segundo objetivo específico.

Nosso problema de pesquisa, investigar o que torna o Super-eu tão hostil a ponto de ser patológico e paralisante, nos levou a um modelo com diversos fatores. Contudo o sentimento de desamparo é o elemento que se destaca como uma constante na formação do Eu e do Super-eu saudável e não apenas do Super-eu hostil. Encontramos, ao longo da pesquisa, a sugestão da proporcionalidade entre a intensidade do sentimento de desamparo vivido pela criança e a severidade do Super-eu criado em consequência. De fato, ainda que a traumatologia ferencziana explique o evento criador do Super-eu hostil através da identificação com o agressor e que isso aconteça muito precocemente, seguido pelo desmentido, pode-se arguir que todos estes elementos são, já separados e ainda mais combinados, grandes intensificadores do sentimento de desamparo infantil.

O raciocínio aqui é que o sentimento de desamparo advindo do choque com a realidade não só é responsável pela separação entre Eu e Id, onde antes tudo era Id, mas motivador da criação do Super-eu. A criança internaliza seus cuidadores na expectativa de

ser por eles amada. A expectativa da falta desse amor gera a expectativa da falta de amparo e com esta a necessidade proporcional de adaptação para lidar com a situação adversa.

A consideração da proporcionalidade entre sentimento de desamparo e Super-eu e a constatação de que Id e Eu são ambos mosaicos de identificações conscientes e inconscientes nos aponta para o estudo da gradualidade na severidade do Super-eu. Os estudos de Minerbo (2015) e Rudge (2005) também o fazem ao sopesar o evento traumático e propor que possa existir um conjunto de situações traumáticas ao longo do tempo que façam com que a criança não se sinta bem-vinda a si mesma.

Talvez o estudo dos pacientes difíceis, clivados, muito apartados da própria sensibilidade sirvam como hipérbole de algo que aconteça em menor intensidade em analisando que não se encaixam naquela descrição, mas levem também com si traços delas. Se separarmos um evento traumático em diversos, poderíamos pensar em pequenas clivagens ou traços de desestruturação narcísica. Podemos pensar inclusive em maior ou menor consciência acerca do sentimento de desamparo no adulto e do Super-eu. Se, na Neocatarse, Ferenczi nos sugere que nos utilizemos, enquanto analistas, da linguagem da ternura apenas para endereçar a parte do analisando que não pôde amadurecer e deixar de ser criança, em se tratando de um caso mais leve, talvez o paciente também se beneficie da busca por um fragmento de si que, ainda que pequeno, tenha se perdido no tempo e não tenha podido tornar-se adulto.

Afinal de contas, a “insinceridade parcialmente consciente” a que alude Ferenczi (1928/1992a, p. 16) que se explicaria nos pacientes clivados pela posse de “vários Super-eus, cuja unificação não foi bem-sucedida” nos parece um sintoma bastante comum, em algum grau, na clínica psicanalítica. Assim como a tendência a ser o Super-eu parcialmente inconsciente a que se refere Freud (1923/2011) parece-nos apontar para que todo Super-eu tenha algum grau de fragmentação. A hipótese levantada é a de que a intensidade destes fenômenos possa determinar a patologização de cada quadro.

Por fim, após compartilhadas estas instigações, que precisam de estudos adicionais, ou mesmo práxis clínica para que possam prover resultados frutíferos e, neste caso, fortuitamente, frutos maduros, encerro este artigo em um tom mais terno, com a admiração pela potência de uma prática psicanalítica empática. Poder criar, através da transferência, um espaço relacional de densidade tal que permita ao analisando, já adulto, ser uma criança bem acolhida pela primeira vez, traz algo de bonito em si. É bonito que se possa encontrar e cuidar de uma criança que foi perdida no tempo. É bonito que um adulto não precise mais ser uma criança que se fantasia de adulto, mas sim um adulto que pôde um dia ser uma criança.

5. REFERÊNCIAS

FERENCZI, S. O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios. In FERENCZI, S. *Psicanálise II*, São Paulo, Martins Fontes, 1992 [1913].

FERENCZI, S. A adaptação da família à criança. In FERENCZI, S. *Psicanálise IV*, São Paulo: Martins Fontes, 1992 [1928a].

FERENCZI, S. A elasticidade da técnica psicanalítica. In FERENCZI, S. *Psicanálise IV*. São Paulo: Martins Fontes, 1992 [1928b].

FERENCZI, S. O problema do fim da análise. In FERENCZI, S. *Psicanálise IV*. São Paulo: Martins Fontes, 1992 [1928c].

FERENCZI, S. A criança mal acolhida e a sua pulsão de morte. In FERENCZI, S. *Psicanálise IV*. São Paulo: Martins Fontes, 1992 [1929].

FERENCZI, S. Princípio de relaxamento e neocatarse. In FERENCZI, S. *Psicanálise IV*. São Paulo: Martins Fontes. 1992 [1930].

FERENCZI, S. Análise de crianças com adultos. In FERENCZI, S. *Psicanálise IV*. São Paulo: Martins Fontes. 1992 [1931].

FERENCZI, S. *Diário Clínico*. São Paulo, Martins Fontes, 1990 [1932].

FERENCZI, S. Confusão de língua entre os adultos e a criança. In FERENCZI, S. *Psicanálise IV*. São Paulo: Martins Fontes. 1992 [1933].

FREITAS, F. A economia do sofrimento e o princípio de relaxamento e neocatarse. In: HENTZ, R.; GOLDFAJN, D. S.; VIEIRA, B. A.; VIANA, D.; MELLO, R. *Ferenczi: A arte da psicanálise*. São Paulo, Blucher, 2023.

FREUD, S. Recordar, repetir e elaborar. In FREUD, S. *Sigmund Freud: Obras Completas*, Vol. 10. São Paulo: Companhia das Letras, 2011 [1914].

FREUD, S. O Eu e o Id. In FREUD, S. *Sigmund Freud: Obras Completas*, Vol. 16. São Paulo: Companhia das Letras, 2011 [1923].

FREUD, S. A dissolução do complexo de Édipo. In FREUD, S. *Sigmund Freud: Obras Completas*, Vol. 16. São Paulo: Companhia das Letras, 2011 [1924].

FREUD, S. O mal estar na civilização. In FREUD, S. *Sigmund Freud: Obras Completas*, Vol. 18. São Paulo: Companhia das Letras, 2011 [1930].

FREUD, S. Novas conferências introdutórias sobre psicanálise: A dissecação da personalidade psíquica. In FREUD, S. *Sigmund Freud: Obras Completas*, Vol. 18. São Paulo: Companhia das Letras, 2011 [1933].

FREUD, S. Compêndio de Psicanálise. In FREUD, S. *Sigmund Freud: Obras Completas*, Vol. 19. São Paulo: Companhia das Letras, 2011 [1940].

KORITAR, E. Relaxation in technique leading to new beginnings. *The American Journal of Psychoanalysis*, v. 74, n. 4, p. 341-353, 2016. Disponível em: <https://pep-web.org/browse/AJP/volumes/76>. Acesso em 15 abr. 2024.

KUPERMANN, D. Ferenczi e os objetivos do tratamento psicanalítico: autenticidade, neocatarse, crianceria. *Estilos da Clínica*, v. 24, n. 2, p. 182-194, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/estic/article/view/154110>. Acesso em: 30 jan. 2023.

MELLO, R.; HERZOG, R. Trauma, clivagem e anestesia: uma perspectiva ferencziana. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 61, n. 3, 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arbp/v61n3/v61n3a08.pdf>. Acesso em: 24 de abril de 2024.

MINERBO, M. Contribuições para uma teoria sobre a constituição do supereu cruel. *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 49, n. 4, p. 73-89, 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2015000400006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 10 out. 2023.

MOLIN, E. C. D. M., *O terceiro tempo do trauma: Freud e Ferenczi e o desenho de um conceito*. São Paulo: Perspectiva, 2016.

PINHEIRO, T.; VIANA, D. A perda da certeza de si. In: *Conferenci – Conferência Internacional Sándor Ferenczi*, 7, 2009, Buenos Aires. CD-ROM, 2009.

ROBERT, P. P.; KUPERMANN, D. A lenta demolição do superego hostil: articulações entre Freud, Ferenczi e Winnicott a partir de esboço de Psicanálise. *Sig: revista de psicanálise*, n. 5, 2014. Disponível em: <http://sig.org.br/wp-content/uploads/2015/08/Revista5.pdf>. Acesso em: 30 jan. 2023.



RUDGE, A. M. Pulsão de morte como efeito de Supereu. *Revista Ágora*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 79-89, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1516-14982006000100006>. Acesso em: 08 abr. 2023.

VERZTMAN, J. O observador do mundo: a noção de clivagem em Ferenczi. *Revista Ágora*, Rio de Janeiro, v. 5, nº 1, p. 59-78, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/agora/v5n1/v5n1a05.pdf>. Acesso em: 16 de maio de 2024.

VIEIRA, B. A. O desenvolvimento do sentido da realidade e seus estágios: sugestões para um percurso de leitura. In. HENTZ, R.; GOLDFAJN, D. S.; VIEIRA, B. A.; VIANA, D; MELLO, R. (Org.). *Ferenczi: A arte da psicanálise*. São Paulo, Blucher, 2023.

Contatos: victorfarahb@gmail.com e bartholomeu.vieira@mackenzie.br